

Autora | Author

Maria Eneida Matos da Rosa*
[eneida.rosa@ifb.edu.br]**OFICINA DE LEITURA: A TECNOLOGIA COMO ALIA-
DA NO LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA****READING WORKSHOP: TECHNOLOGY AS AN
ALLY IN LITERARY LITERACY AT SCHOOL**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da produção e da análise de oficinas de leitura que tratam da influência dos novos meios tecnológicos sobre a literatura, bem como apresentar as atividades que tratam do incentivo à leitura na escola. A pesquisa procurou destacar o fato de os escritores selecionados serem populares em divulgações nas redes sociais e como a possível influência deles na *Internet* também pode atingir o espaço escolar. Para isso, foi imprescindível tratarmos de conceitos como ciberespaço, hipermídia e hipertexto em autores como Lévy (1999) e Eco (1996). Também abordamos a temática da leitura e do leitor no que se refere ao uso do texto literário em sala de aula, além da noção de autoria, de acordo com as postulações de Michel Foucault (1992) e Antoine Compagnon (2007). Mostraremos as propostas e os resultados a partir da pesquisa feita com as oficinas de leitura realizadas com os alunos de 3º ano do ensino médio integrado – EMI (Administração e Secretariado) do Instituto Federal selecionado.

Palavras-chave: letramento literário; formação do leitor; autoria.

Abstract: *The article intends to show the results of the analysis and the content produced on reading workshops that examine the influence of new technology on literature, as well as activities to promote reading in school. The research aims to draw attention to the popularity of selected writers in social media and investigate if their influence on the internet may also extend to classrooms. To make it possible, it is essential to understand concepts like cyberspace, hypermedia and hypertext in authors like Lévy (1999) and Eco (1996), as well as the formation of reading and readers when it comes to the use of literary text in classroom and the notion of authorship according to the postulations of Foucault (1992) and Compagnon (2007). The article thus presents the propositions and results of the research including reading workshops with 3rd year students of the integrated high school - EMI (Administration and Secretariat) of the Instituto Federal.*

Keywords: *literary literacy; reader formation; authorship*

Recebido em: 25/02/2020

Aceito em: 29/05/2020

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados da pesquisa referente à produção e à análise de oficinas de leitura que tratam da influência dos novos meios tecnológicos sobre a literatura, bem como apresentar atividades de incentivo à leitura propostas na escola. As oficinas foram propostas e realizadas com os alunos de 3º ano do Ensino Médio Integrado (EMI) de Administração e Secretariado.

O trabalho procurou destacar o fato de alguns escritores selecionados nas atividades, tais como Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, serem populares em divulgações nas redes sociais, e a possível influência desses autores na *Internet* também poder atingir o espaço escolar. Para isso, tratamos de conceitos como ciberespaço, hipermídia e hipertexto, presentes em autores como Pierre Lévy (1999) e Eco (1996), e propomos uma reflexão sobre leitura e leitor no que se refere ao uso do texto literário em sala de aula. Também trabalhamos a noção de autoria, tendo em vista que os escritores mencionados são citados na *Internet* de forma equivocada.

Neste estudo, procuramos tratar o assunto discutido de forma breve e ainda embrionária, visto que o presente relato faz parte de um trabalho de pesquisa iniciado no ano de 2017 que tem como foco os aspectos relacionados à genealogia da tecnologia. Considerando que o início dessa genealogia se inicia com o advento da escrita e de suas relações com a leitura, tentamos destacar a importância dessa relação no contexto da sala de aula, ao mesmo tempo em que verificamos questões pertinentes como autoria e citação de autores e obras na *Internet*, linha tênue para o plágio.

O artigo organizou-se de forma semelhante à dinâmica das oficinas realizadas com os alunos. Assim, começamos tratando da tecnologia e da sua trajetória. Vista *a priori* como negativa, a tecnologia passou a ser uma espécie de aliada da literatura (e outras disciplinas) no espaço da sala de aula. Desse modo, por meio de jogos, sequências didáticas e pesquisas na *web*, abordamos temas como tecnologia, redes sociais, plágio, *fake news* e seus efeitos nocivos. Em seguida, tratamos da figura do autor e do seu papel de sujeito sacralizado e dessacralizado, uma vez que realizamos pesquisas sobre citações equivocadas nas redes sociais, recaindo na questão do plágio e da autoria.

Apresentamos por fim os resultados realizados com a oficina de leitura e letramento idealizada e construída com a participação das acadêmicas do curso de Letras-português que estavam sob a supervisão do professor da disciplina de Língua Portuguesa do EMI, finalizando com a “oficina de memes” e um bate-papo realizado com os discentes envolvidos na ati-

dade no intuito de verificarmos se gostaram de participar da oficina de letramento literário e digital, e de verificar a experiência deles com a leitura.

LITERATURA E LEITURA: A TECNOLOGIA COMO ALIADA

Antes de relacionarmos a literatura à tecnologia, como será demonstrado mais adiante, já nas oficinas procuramos chamar atenção para os primeiros registros da escrita, que também revelam fazer parte de uma evolução tecnológica, conforme aponta Umberto Eco (1996). Tais registros foram encontrados por arqueólogos na antiga Babilônia. A evolução da escrita ainda passou pela invenção da prensa de Gutemberg e pelo processo de produção dos livros, até a publicação em suportes tecnológicos contemporâneos.

Umberto Eco, em seu artigo intitulado “Da internet a Gutenberg” (1996), tenta desmistificar a ideia de que novos meios tecnológicos modificarão nosso *modus vivendi*, suplantando a materialidade do livro. Traça, pois, uma espécie de percurso da escrita a partir do pensamento de Platão em *Fedro*: “Hermes, suposto inventor da escrita, apresentou sua invenção ao Faraó Thamus. Ele teve sua técnica elogiada, pois supunha permitir ao ser humano lembrar o que de outra forma poderia esquecer”. No entanto, prossegue o estudioso, o Faraó não estava satisfeito: “Meu hábil Theut (Thot), disse, a memória é o maior dom que precisa ser mantido vivo via treinamento contínuo. Com sua invenção, as pessoas não mais serão obrigadas a treinar a memória”.

A escrita, nesse contexto, conforme atesta Eco, seria a criação “tecnológica” que se mostrava em ascensão e, por esse motivo, era considerada perigosa. A escrita, reforça o estudioso, “era perigosa porque diminuía o poder da mente, oferecendo aos seres humanos uma alma petrificada, uma caricatura da mente, uma memória mineral”.

Sobre a invenção da escrita, Alberto Manguel (2002) também menciona que essa descoberta se deu na antiga Babilônia. Ele avalia que, com toda a probabilidade, foi inventada por motivos comerciais. Exemplifica que foi sistematizada “para lembrar que um certo número de cabeças de gado pertencia à determinada família ou estava sendo transportado para determinado lugar” (p. 206).

Manguel (2002) chama atenção, contudo, para um fenômeno que ocorreu junto com o advento da escrita: uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado – isto é, lido – a incisão criou simultaneamente o leitor, personagem que podemos identificar, inclusive, em nossos

alunos, uma vez que estão envolvidos por esse universo tecnológico e que fazem parte, na maioria das vezes, de um universo distante da leitura.

Umberto Eco destaca que, nos anos 60, Marshall McLuhan escreveu *A Galáxia de Gutenberg*, por onde anunciou que a maneira linear de pensar instaurada pela invenção da imprensa estava para ser substituída por uma forma mais global de percepção e compreensão através de imagens de TV ou de outros tipos de dispositivos eletrônicos.

Se no século XIX, por exemplo, era comum existirem cenas domésticas de leitura como as retratadas nas obras de Jane Austen, nas quais adultos liam uns para os outros, ao longo do século XX começou a existir uma necessidade de chamar a atenção para o livro. Daí a importância de tentar entendermos as mídias digitais como aliadas na busca de mais uma ferramenta para cingir o nosso aluno cada vez mais envolvido pela tecnologia.

Partindo dos preceitos presentes no caderno do PNLL, que tem como premissa a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial, a construção de oficinas de leitura se coaduna à intenção de se ampliar o acesso aos livros de forma atraente para uma geração cada vez mais bombardeada pelas imagens.

Por isso surgiu a ideia de criar uma oficina de leitura e letramento digital e de criar uma página nas redes sociais (*Facebook*) ou um grupo de *WhatsApp*, espaços de navegação e troca de mensagens muito utilizados pelos alunos. Já para tratarmos das redes sociais como o *Facebook* e o *Twitter*, ou como o próprio *WhatsApp*, um dos meios que utilizamos para a comunicação e interação com os alunos, é importante trazer alguns conceitos referentes às tecnologias digitais, além de aspectos relevantes para colocarmos em prática o letramento digital.

Pierre Lévy (1999) produziu um estudo acerca dessas novas mídias que implodiram no final do século XX, denominadas por ele de “ciberespaço” e “cibercultura”. Lévy propõe uma breve definição dos termos:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999, p. 17).

O autor destaca que “a informática reúne técnicas que permitem digitalizar a informação (entrada), armazená-la (me-

mória), tratá-la automaticamente, transportá-la e colocá-la à disposição de um usuário final [...]” (LÉVY, 1999, p. 33). Para ele, o ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos, uma vez que permite “que os membros de um grupo humano se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto em quase tempo real, apesar da distribuição geográfica e diferença de horários” (LÉVY, 1999, p. 51), criando uma espécie de inteligência coletiva.

Ocorrem, nos *sites*, possibilidades de interação através dos *links* ali existentes e que também fazem parte do hipertexto. De acordo com Pierre Lévy (1999, p. 55), “(se) tomarmos a palavra ‘texto’ em seu sentido mais amplo (que não exclui nem som nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos”. Consta ainda que os hiperdocumentos, quando bem utilizados e bem conduzidos, transformam-se num poderoso instrumento de “escrita-leitura coletiva”.

É importante, portanto, entendermos esse universo tecnológico que cada vez mais ganha espaço e faz parte constante do universo do jovem. Silva e Remoaldo (1995, p. 13) afirmam que “a rede *Internet* (abreviação de *Interconnected Networks*) é constituída por milhares de redes nacionais e internacionais interconectadas entre si, criando uma rede virtual que comunica a velocidades elevadas”, de modo que, através dela, os pesquisadores também têm acesso a uma biblioteca interativa, multifacetada e sempre disponível.

Diante da necessidade de apresentarmos os avanços da tecnologia como forma de instrumento de ensino, tentamos nos posicionar a favor do letramento digital na sala de aula com o objetivo de fazer com que o nosso aluno tenha acesso à leitura prazerosa, sem a obrigatoriedade das famigeradas listas do vestibular, ao mesmo tempo em que interage e constrói coletivamente materiais que possibilitem promover o interesse pela leitura.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIFUSÃO DA ESCRITA E A AUTORIA

Nesta seção, tratamos dos meios de difusão da escrita, sua forma de ser “reescrita” ao longo do tempo e o fato de estar relacionada aos anseios dos leitores e à própria noção de autoria, uma vez que o leitor revela uma necessidade de atenção e, principalmente, um desejo de ter uma relação de proximidade com seus autores preferidos.

Magda Soares, em seu artigo intitulado “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura” (2002, p. 153), lembra que, na Idade Média, os livros “eram objetos de luxo

a que poucos tinham acesso, por outro lado, os copistas frequentemente alteravam o texto, ou por erro ou por intervenção consciente, de modo que cópias do mesmo texto raramente eram idênticas”. De acordo com a estudiosa,

a tecnologia da impressão *enformou* a escrita [...] em algo estável, monumental e controlado: estável, porque o texto se torna então reproduzível em cópias sempre idênticas; monumental porque o texto impresso, muito mais do que o manuscrito, sobrevive e persiste como um monumento a seu autor e a seu tempo; controlado porque numerosas instâncias inter-vêm em sua produção e a regulam. (SOARES, 2002, p. 153).

A autora atesta, pois, que o “texto é produto não só do autor, mas também do editor, do diagramador, do programador visual, do ilustrador, de todos que intervêm na produção, reprodução e difusão de textos impressos em diferentes portadores” (SOARES, 2002, p. 154). Chama atenção, contudo, para a cultura do texto eletrônico:

Em certos aspectos essenciais, esta nova cultura do texto eletrônico traz de volta características da cultura do texto manuscrito: o como o texto manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é estável porque, tal como os copistas e os leitores frequentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leitura; não é monumental porque, como consequência de sua não-estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, impermanente e mutável. (SOARES, 2002, p. 154).

Dessa forma, quando Soares afirma que “esse tipo de texto é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido”, corremos o risco de trabalharmos com textos na *Internet* que recaiam no plágio ou na falsa autoria, questões reconhecidamente comuns nas citações relacionadas aos autores trabalhados na pesquisa. Daí nossa intenção em tratarmos brevemente também acerca da noção de autoria e, por conseguinte, do papel do autor.

No que se refere à figura do autor, Michel Foucault, em sua palestra proferida em 1970, na Universidade de Búfalo (NY), e que se transformou no ensaio “O que é um autor?” (1992), se propôs a desenvolver argumentos relacionados à essa cons-

trução acerca do que ele entende por “autor”. Destacamos dois tópicos que parecem atender melhor o presente trabalho:

2) A relação de apropriação: o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles. Qual é a natureza do *speech act* que permite dizer que há obra?

3) A relação de atribuição. O autor é, sem dúvida, aquele a quem se pode atribuir o que foi dito ou escrito. Mas a atribuição – mesmo quando se trata de um autor conhecido – é o resultado de operações críticas complexas e raramente justificadas. As incertezas do *opus*. (FOUCAULT, 1992).

Nesse texto, o estudioso trata de um pensamento tomado de empréstimo de Beckett: “Que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala”. A partir desse pensamento, chega à conclusão de que “na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”.

Tal pensamento se relaciona ao seu próximo argumento sobre o parentesco da escrita com a morte. Para ele, esse tema também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve, isto é, “a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (FOUCAULT, 1992). Ou ainda, trata-se do desaparecimento ou da morte do autor.

O tema do “desaparecimento” ou “morte” do autor, contudo, não é algo recente. Só para lembrarmos, os tradutores, por exemplo, também costumam promover algum tipo de interpretação subjetiva para tentar traduzir (reescrever) a obra para outra língua. Até mesmo revisores costumam “corrigir” o texto de acordo com algum interesse, conforme exemplifica José Saramago em sua obra *História do cerco de Lisboa* (1989), quando o personagem e revisor, ao inserir um “não” na narrativa, contesta a história, acabando por recriar outra obra.

Os escritores selecionados estão presentes em todos os tipos de redes sociais atuais, tais como *Facebook*¹ e *Twitter*², sendo “compartilhados” por diferentes leitores de distintos gêneros, classes, idades, personalidades e outras características. Esse

1 Considerada ainda a maior rede social da atualidade, desenvolvida em 2004 por Mark Zuckerberg, que também é responsável por outras redes sociais, como o *Instagram* e o *WhatsApp*.

2 Rede social na qual o usuário tem 140 caracteres para compartilhar atualizações com os amigos cadastrados. Foi desenvolvida em 2006 por Jack Dorsey.

fato ocorre em virtude de cada vez mais pessoas dividirem as mesmas sensações e acreditarem que tais citações pertençam a escritores como Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, Luís Fernando Veríssimo e outros.

Para o leitor, é certo que o escritor parece falar diretamente com ele, como se fosse um amigo próximo que lhe oferecesse conselhos. Promove-se, assim, uma suposta proximidade entre autor e leitor, criando uma certa intimidade que, para eles, pode desconstruir a “aura” que deveria envolver a figura do escritor, e ainda responder suas “angústias existenciais”.

Quem também procura tratar sobre a noção de autoria e, por conseguinte, direito autoral é Antoine Compagnon. Em sua obra *O trabalho de citação* (2007), o autor destaca que essas noções só surgiram ao longo do século XVII. Destaca que, junto a essas questões, também devemos retomar as noções de posse, de apropriação e de propriedades textuais, mas segundo uma perspectiva outra, anunciada por ele.

Na primeira perspectiva, temos a *relação de posse*, que “tem lugar no imaginário, no nível de uma fantasia de fusão, sem que o sujeito participe do dentro e do fora do que é próprio de si (seu corpo, sua língua) e do outro (o corpo estranho, o discurso)” (COMPAGNON, 2007, p. 146). A segunda trata da *relação da apropriação*, que, segundo esclarece, “é uma etapa intermediária em que o sujeito parte em busca de si mesmo, como de um outro, à procura de sua identidade entre os objetos que o circundam” (COMPAGNON, 2007, p. 147). Por último, aponta para a *noção de propriedade*. Para Compagnon (2007, p. 147), assume-se “a separação entre o autor (instituição ou pessoa moral, consolidação recursiva da variedade dos sujeitos) e o livro (também ele instituição e pessoa moral, mercadoria, unidade de enunciados de origens diversas) [...]”.

Com efeito, é possível constatar, seguindo as ponderações de Compagnon, que corremos o risco de fugir da noção de autoria, uma vez que o leitor acaba recriando um ser/outro que não existe, mas que parece atender, momentaneamente, às suas necessidades e expectativas, recaindo no que o estudioso apontou como a *relação de apropriação*. Daí o nosso interesse pelo tema da desconstrução da figura do autor na contemporaneidade e a proposição de metodologias para uma tentativa de resgate da relação autor/obra em plena era de apelos tecnológicos, uma vez que tencionamos contribuir para a formação do leitor a partir do processo de letramento literário e digital, por meio

das atividades idealizadas para serem trabalhadas em sala de aula.

OFICINA DE LEITURA: DAS REDES SOCIAIS À SALA DE AULA METODOLOGIA E RESULTADOS

Para analisarmos o uso recorrente de citações de autores na *Internet*, bem como os fenômenos que podem ser avaliados, como o incentivo à leitura e a questão da autoria, começamos trabalhando, de forma conjunta, com alunos de ensino médio do IF, prováveis usuários da rede, e alunas de licenciatura em Letras, que deveriam pensar em atividades que conjugassem o tema da leitura a escritores da literatura brasileira muito citados nas redes sociais.

Assim, a pesquisa se propôs a entender como podemos utilizar novos modos de disseminação virtual para incentivar a leitura dentro e fora de sala de aula, promovendo atividades que envolvessem tanto a pesquisa na *Internet* quanto em livros em sua forma física, com base na grande recorrência aos textos dos autores mencionados, mas agregando outros autores e obras ao longo das oficinas.

Foram realizadas oficinas de leitura e letramento digital nas turmas de 3º ano do Ensino Médio Integrado (Administração e Secretariado) do próprio *Campus*. A *primeira etapa* serviu para apresentarmos o projeto aos alunos e os temas que seriam trabalhados nas oficinas, quais sejam: tecnologia e redes sociais, *fake news*, plágio e autoria.

A sequência inicial seria apresentar primeiramente os autores, mas à medida que os temas se tornaram instigantes, as acadêmicas do 7º Semestre do curso de Licenciatura em Letras/português criaram jogos lúdicos e promoveram atividades com o auxílio de algumas narrativas literárias.

Sobre os assuntos introdutórios, abordados no *segundo dia de oficina*, as alunas trataram novamente dos temas da tecnologia e das redes sociais por meio de três charges, e criaram atividades que refletiam sobre os gêneros textuais apresentados (Figuras 1, 2 e 3).

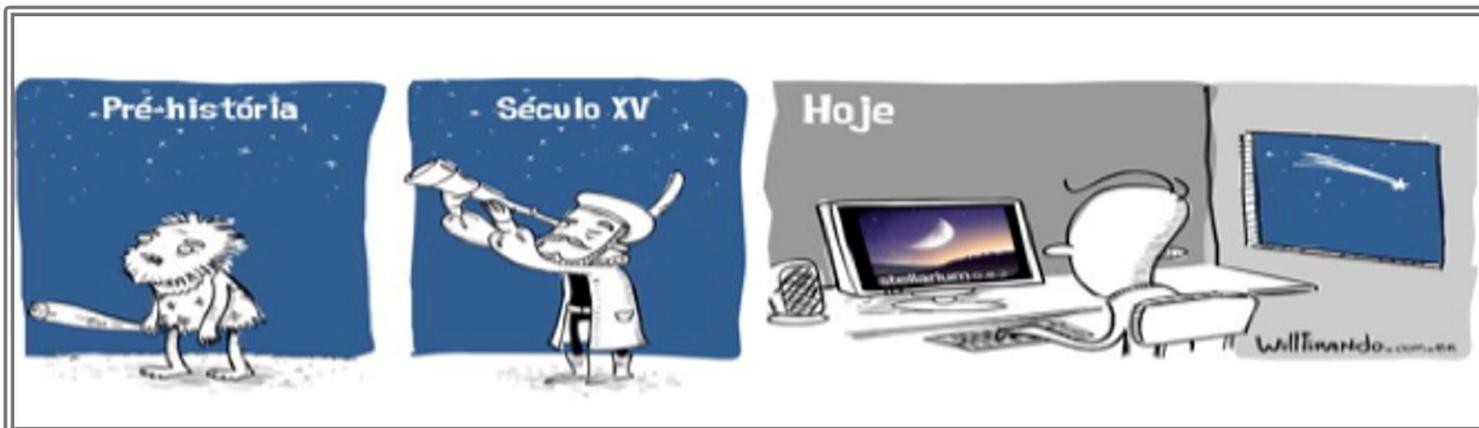
No *segundo dia da oficina*, procuraram mostrar exemplos de plágios na música, na literatura e em outras áreas. O tema foi introduzido pela leitura do conto “O homem célebre”, de Machado de Assis, que trata do personagem Pestana, maestro

Figura 1



Fonte: Disponível em: <http://www.ojornalista.com/2009/08/tirinha-a-evolucao-da-comunicacao/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

Figura 2



Fonte: <http://letramento-modulo4.forumfacil.net/t16-charge-de-trabalho>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Figura 3



Fonte: <http://malvados.com.br/AndréDahmer>. Acesso em: 19 abr. 2018.

que era conhecido por produzir polcas, mas que tinha um sonho de compor músicas eruditas. Contudo, faltava-lhe vivência e inspiração.

Desde logo, para comemorar o consórcio, teve ideia de compor um noturno. Chamar-lhe-ia *Ave, Maria*. A felicidade como que lhe trouxe um princípio de inspiração; não querendo dizer nada à mulher, antes de pronto, trabalhava às escondidas; coisa difícil, porque Maria, que amava igualmente a arte, vinha tocar com ele, ou ouvi-lo somente, horas e horas, na sala dos retratos. Chegaram a fazer alguns concertos semanais, com três artistas, amigos do Pestana. Um domingo, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos.

— Acaba, disse Maria; não é *Chopin*?

Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin. A ideia, o motivo eram os mesmos; Pestana achara-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de São Cristóvão.

— Para que lutar? Dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!³

Após a exposição de exemplos e após a leitura do conto machadiano, os alunos foram provocados a refletir sobre o autor, o texto e a relação deles com o tema do plágio/cópia. As acadêmicas de Letras criaram mais atividades para a aula, que serão expostas em outro momento.

Na *terceira e quarta etapa*, o tema *fake news* foi discutido a partir de jogos lúdicos e atividades que solicitavam aos participantes que fizessem pesquisas nas redes virtuais. Também foi promovida a reflexão sobre a veracidade dos fatos apresentados por nossas acadêmicas. Por fim, foi lido o conto “O espelho e a máscara”, do escritor argentino Jorge Luís Borges, que reflete sobre a própria criação literária, seus efeitos estéticos e a possibilidade de se “escrever/reescrever uma história real ou não:

Travada a batalha de Clontarf, em que o Norueguês foi humilhado, o Alto Rei falou com o poeta e disse-lhe: — As proezas mais claras perdem o brilho se não forem cunhadas em palavras. Quero que cantes a minha vitória e o meu louvor. Serei Eneias e tu o meu Virgílio.

Julgas-te capaz de deitar mãos a esta empresa que a nós dois fará imortais?

— Julgo que sim, Rei — disse o poeta.⁴

Na *quinta etapa da oficina*, que trata sobre os autores citados equivocadamente na *Internet*, passamos para a leitura de alguns contos e crônicas retirados de obras dos autores, mas escolhidos pelos próprios discentes. Foi solicitada a escolha de citações dos autores para que eles posteriormente criassem os “memes”⁵ a partir de um aplicativo na *Internet*, com trechos corretos das obras, e/ou que produzissem as sinopses de algumas narrativas que foram trabalhadas em aula, ou lidas em algum momento da vida desses alunos. Nessa etapa, também foram criados os grupos que enviariam os memes para as turmas no *WhatsApp*.

Dessa forma, a atividade, que começou como parte integrante de uma oficina, culminou na produção de memes com citações que viraram imãs de geladeira e marcadores de páginas magnéticos, objetos que foram primeiramente expostos em eventos que têm por objetivo congregam os *campi* dos institutos federais do país. Eles também foram apresentados nas Semanas de Letras e Pedagogia.

Seguem alguns *memes* produzidos pelos alunos do EMI nas oficinas de letramento literário e digital no ano de 2018 e que foram inspirados em páginas de humor presentes no *Facebook*, como “Obras literárias com capas de *memes* genuinamente brasileiros”⁶ (Figura 4).

Por último, no momento que corresponde à *sexta etapa*, conversamos com os discentes sobre as impressões acerca das aulas, a fim de refletirmos sobre alguns aspectos relacionados ao tema da leitura e tratarmos do conhecimento deles sobre os autores selecionados. Nessa etapa, os discentes responde-

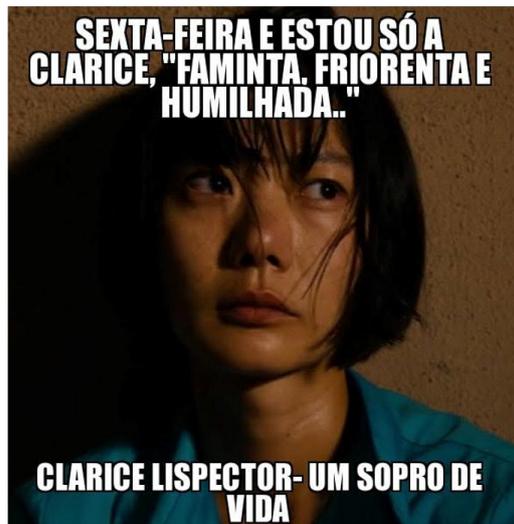
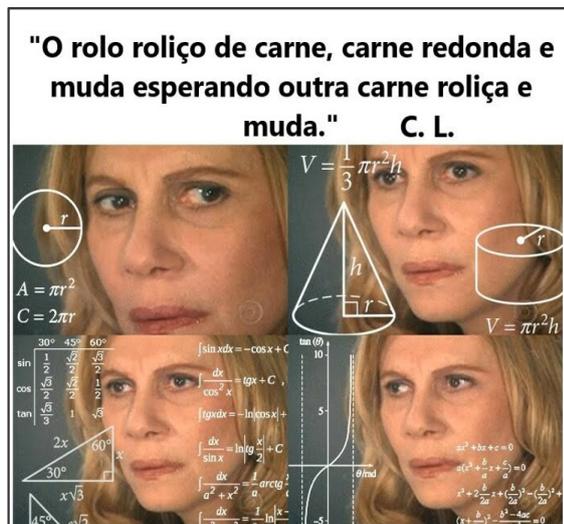
³ Cf. ASSIS, Machado de. *Um homem célebre*. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/umhomemcelebre.htm>. Acesso em: 18 maio 2018.

⁴ Trecho do conto “O espelho e a máscara”: Disponível em: <http://cotta-club.blogspot.com/2005/11/o-espelho-e-mascara.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

⁵ *Meme* é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins em seu livro *The Selfish Gene (O Gene Egoísta)*, lançado em 1976) e remete a um conjunto de informações que pode se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais, como livros. A síntese de seu livro é sobre o *meme*, considerado uma evolução cultural capaz de se propagar. O *meme* pode ser considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. O *meme* pode ser uma frase, um *link*, um vídeo, um *site*, uma imagem... É aquilo que pode se espalhar por intermédio de *e-mails*, *blogs*, *sites* de notícia, redes sociais e demais fontes de informação. Fonte: ADAMI, A. Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 23 maio 2018.

⁶ Cf. matérias sobre a página, como a do *site* “Catraca livre”, que apresenta reportagem sobre o uso da literatura para construir *memes*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/esta-pagina-transformou-memes-em-capas-de-livros-classicos/>. Acesso em: 24 out. 2019.

Figura 4



Fonte: elaborados pelo EMI (2018).

ram um questionário formulado no Google, que será discutido em outro trabalho, mas que expõe aqui algumas sugestões e contribuições.

O que mais chamou atenção no trabalho realizado foi verificar o fato de que muitos alunos desconheciam os escritores trabalhados nas oficinas. Todavia, tal lacuna nos motivou a pensar em prosseguir com as atividades e com as pesquisas que configurassem estratégias de leitura que contribuíssem para o letramento literário dos nossos alunos, já que muitos corriam o risco de ler alguns textos publicados na *Internet* e cair na falácia de que pertenciam aos autores. Contudo, durante as oficinas, com a pesquisa sobre os autores e com a própria leitura das obras, escolha das citações e produção dos *memes*, os alunos acabaram conhecendo mais um pouco acerca das obras e dos autores.

Como se sabe, muitas vezes a escola não se interessa pela formação do aluno como leitor, preocupando-se apenas com o aspecto formativo do texto e o relegando a um papel secundário, como se contribuísse apenas para o estudo auxiliar da gramática. Sobre essa questão, é possível retirarmos exemplos da própria literatura brasileira, como no *Conto de escola*, de Machado de Assis, quando o personagem Pilar reclama estar na escola “sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos” (ASSIS, 1998, p. 25).

Já em relação ao interesse dos alunos pela oficina, foi possível depreender que o projeto teve um papel importante no trabalho da literatura em sala de aula, uma vez que a maioria dos respondentes afirmaram estar tristes com o fim das atividades, além de demonstrar apreço pela leitura com gostos e interesses próprios que não podem ser desconsiderados pela academia ou pela escola.

Muitos também destacaram a falta de tempo para ler, aspecto que nos revela outro dado incômodo relacionado ao excesso de disciplinas que os alunos, sobretudo dos cursos médios profissionalizantes, devem cursar, já que, além da matriz do currículo comum, também possuem as disciplinas técnicas.

Aliada a essa questão, tivemos muitas manifestações dos alunos relacionadas ao desinteresse por “leituras obrigatórias ou forçadas”. A escola costuma apresentar uma seleção de textos obrigatórios junto com uma programação de autores, norteando-se pelo vestibular que um dia será feito, o que torna estereotipada a literatura escolar, distanciando-a cada vez mais do que possa ser considerado prazeroso.

Por último, avaliamos de forma positiva o trabalho realizado nas oficinas, não só pelo aspecto do letramento literário e digital, mas principalmente pelo fato de os próprios participantes apontarem sugestões pertinentes, como a disciplina de

leitura passar a ser eletiva, ou haver uma oficina de produção de contos, ou ainda ampliar o projeto para fora dos muros da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das atividades de leitura propostas na oficina e das manifestações assertivas dos alunos, foi possível chegarmos à conclusão de que o exercício da docência não está acompanhando a rapidez da tecnologia, além de não propor, a contento, atividades que promovam o interesse dos discentes pela leitura.

Constatamos que pareceu viável criarmos práticas sociais de leitura e escrita, sobretudo se considerarmos as propostas de leitura iniciais deste trabalho, que parecerão se ampliar com as sugestões de momentos de escrita pelos próprios discentes. Houve ainda um novo ambiente de interação, bem como um novo olhar sobre a literatura.

Além disso, partindo da intenção inicial do projeto de trazer autores que supostamente imaginávamos que os alunos conheciam, acabamos descobrindo que eles sabem muito pouco, ou quase nada, sobre as obras e as escritas desses autores, o que nos leva a pensar nas próprias sugestões dos discentes sobre disciplinas eletivas de leitura ou sobre a continuação dos projetos, tentando principalmente verificar alternativas de trabalhar com os autores selecionados nas séries iniciais do ensino médio, ampliando o trabalho para outras escolas.

Por fim, ao entrarmos em contato com os escritores, nossos alunos acabaram descobrindo um pouco sobre suas vidas e suas relações no universo literário e cultural em que estavam e estão inseridos. Partindo da visualização do universo literário, tanto no livro como na *Internet*, acabamos por recriar uma nova história da literatura do nosso tempo, que também nos fez pensar em possibilidades variadas de letramento literário e digital, e na possibilidade de produzir várias atividades prazerosas que atinjam mais pessoas para além do espaço da nossa escola, não se limitando a uma seleção com poucos escritores e de interesse apenas da escola e da academia.

Além disso, ampliamos o conhecimento de mundo de nossos educandos, uma vez que eles foram envolvidos de maneira atrativa e interativa em discussões de temas muito atuais, como plágio, citação, *fake news* e autoria. Acabamos, dessa maneira, recriando uma nova forma de trabalho e formação docente com inúmeras outras possibilidades de usos para a tecnologia e para a manutenção do contato com o universo literário.

REFERÊNCIAS

ADAMI, A. **Memes**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em: 23 maio 2018.

ASSIS, M. de. **Um homem célebre**. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/umhomemcelebre.htm>. Acesso em: 18 maio 2018.

_____. Conto de escola. In: **Contos**. São Paulo: Ática, 1998.

BORGES, J. L. **O espelho e a máscara**. Disponível em: <http://cotta-club.blogspot.com/2005/11/o-espelho-e-mascara.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

CARDOSO, B. 2009. **Tirinha**: a evolução da comunicação. Disponível em: <http://www.ojornalista.com/2009/08/tirinha-a-evolucao-da-comunicacao/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Minas Gerais: UFMG, 2007.

ECO, U. **Da internet a Gutenberg**. 1996. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3. ed. Lisboa: Vega, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3238534/mod_resource/content/1/foucault%2C%20michel%20-%20o%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA (PNLL). Disponível em: http://www.oei.es/fomentolectura/pnll_brasil.pdf. Acesso em: 18 abr. 2017.

REIS, C. As Viagens como hipertexto: hipóteses de trabalho. In: **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa v. 4, p. 115-123,

abr./out. 1999.

SARAMAGO, J. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, L; REMOALDO, P. **Introdução à Internet**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura. **Educ. Soc., Campinas**, v. 23, n. 81, p. 143-160.

SOUZA, M. **Caio Fernando Abreu**: o cara do face. 2012. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/8922#.T3HXRFdQXw.facebook>. Acesso em: 27 mar. 2016.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

TEIXEIRA, J. **Os ladrões criativos**. Revista Veja, 2006. Disponível em: http://veja.abril.com.br/290306/p_130.html. Acesso em: 12 maio 2013.

CURRÍCULO

* Doutorado em Teoria da Literatura. Instituto Federal de Brasília (IFB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5710922183598134>